

Elaboração de diários pessoais: a função de suplência da escrita

Viviane Dinês de Oliveira Ribeiro Bartho

Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Campos do Jordão, São Paulo, Brasil
viviane_dines@yahoo.com.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.591>

Resumo

Os sujeitos desta pesquisa são adolescentes em situação de acolhimento. A falta de engajamento deles nas atividades pedagógicas e a posição vitimizada que assumiam constituíram nosso problema central. Propôs-se a elaboração de diários pessoais, com o objetivo de investigar o problema delimitado e os efeitos subjetivos da escrita. Resultados apontam para uma função terapêutica dos diários: a escrita neles teria função de suplência, a partir da qual o sujeito simboliza suas angústias e evita a realização do ato. A análise, segundo uma perspectiva francesa do discurso e conceitos da psicanálise lacaniana, permitiu compreender os diários como espaço para a singularidade, o que atenderia a uma demanda de ordem psicanalítica.

Palavras-chave: adolescentes abandonados; diários pessoais; escrita terapêutica.

The preparation of personal diaries: the function of writing substitutive

Abstract

The subjects of this research are teenagers in a sheltered situation. The lack of their engagement in pedagogical activities and the victimized position that they have taken, constituted our pointed issue. The preparation of personal diaries was proposed, aiming to investigate this issue and its writing subjective effects. The results lead to a writing therapeutics role in the diaries' writing: it would be substitutive, from which the subject symbolizes its anguishes and avoids its fulfillment. The analysis, from a French perspective of discourse analysis and psychoanalytic concepts of Lacanian psychoanalysis, has allowed us to understand the diaries as a space to singularity, which would comply with a psychoanalytical order demand.

Keywords: abandoned teenagers; personal diaries; therapeutic writing.

Introdução

Este estudo foi desenvolvido a partir de atividades de leitura e escrita com adolescentes, entre 10 a 18 anos, acolhidos por uma instituição localizada no interior do Estado de São Paulo, popularmente nomeada de *Casa Abrigo*, devido a abandono e/ou maus tratos dos familiares. A problemática inicial foi delimitada por meio da observação de dois fatos: a falta de engajamento desses adolescentes em atividades e projetos sociais e pedagógicos a eles oferecidos e a posição vitimizada que frequentemente assumiam.

Observado o problema, passou-se à investigação das razões do imobilismo dos instituídos e de meios de mobilizá-los. No decorrer da pesquisa, procurou-se compreender o que a instituição esperava desses adolescentes e o que eles esperavam da

instituição. O que se ponderou foi que a função da instituição, como a de outras instituições (a Família, a Escola, a Igreja...), era de moldar o sujeito para a sociedade, ou seja, objetivar o sujeito e discipliná-lo. Assim, dada a natureza da instituição de acolhimento, ocorriam processos de subjetivação (ou de engendramento do sujeito) pelos modos de objetivação, elucidados por Foucault, em diversas de suas obras, como *Vigiar e Punir* (1987), que são modos de adestramento do sujeito sócio-historicamente constituídos.

Contudo, a hipótese era de que esses modos não seriam suficientes para a subjetivação dos sujeitos instituídos, que, vivendo em um período pós-moderno, em que há uma tendência à horizontalização das hierarquias, não mais produzem respostas aos modos de objetivação pelo poder consideradas satisfatórias a um modelo tradicional de educação. Passou-se, portanto, a investigar os modos de subjetivação, também postulados por Foucault, em suas obras de terceira fase, ainda numa dimensão sócio-histórica, e os processos de identificações, que seriam processos, nunca estáveis e fixos, de constituição do sujeito numa dimensão psicanalítica, postulados por Lacan (2008).

Foi a partir dos modos de subjetivação e dos processos de identificações que esta pesquisa propôs o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita e, mais especificamente, a produção da escrita de diários pessoais, com o objetivo de analisar e discutir o problema delimitado e os possíveis efeitos subjetivos da escrita como uma forma de trabalho com a linguagem e o pensamento, isto é, com a simbolização do real.

Como pressupostos teóricos, têm-se a Análise do Discurso de perspectiva francesa e conceitos da Psicanálise que com ela dialogam. Para efeito de organização e coerência textuais, o presente artigo foi dividido da seguinte forma: 1. Processos de subjetivação; 1.1 Modos de objetivação; 1.2 Modos de subjetivação; 2. Processos de identificações; 3. Procedimentos de produção e coleta dos registros de pesquisa; 4. Análise dos recortes discursivos; Conclusão.

1. Processos de Subjetivação

Um dos legados mais relevantes dos estudos de Foucault diz respeito à subjetividade, na especificidade foucaultiana da constituição do sujeito ao longo da História, a qual afeta, sob uma visão discursiva, a identidade do sujeito. Acerca dos processos de subjetivação, Uyeno (2011), inspirada na divisão¹ geral da obra foucaultiana por Revel (2005), divide-os, com base numa visão retrospectiva sobre os estudos empreendidos por Foucault, ao longo de suas fases teóricas, e com base nos estudos em AD, em “Modos de objetivação” e “Modos de subjetivação”.

1.1 Modos de objetivação

Primeiramente, tomando a divisão de Uyeno (2011), segue-se a elucidação dos modos de objetivação que engendram o sujeito. Num sistema de produção, o indivíduo ocupa um lugar, sendo designado “sujeito”. Em outras palavras, o sistema de trabalho, por meio do qual a sociedade se movimenta e progride, é ideológico; é a ideologia que

¹ A divisão da obra de Foucault a que este trabalho se refere se distingue da divisão clássica da obra do autor, segundo a qual se compreendem os estudos foucaultianos em três fases: genealogia, arqueologia e ontologia.

interpela os indivíduos em sujeitos, que reconhecem eles próprios seus lugares e os ocupam (PÊCHEUX, 1988).

Toda relação entre os sujeitos, por conseguinte, ocorre sob um imaginário discursivo: um sujeito denominado “A” enuncia sob a imagem que faz de seu interlocutor “B”, de si mesmo, de seu referente. São inúmeros os desdobramentos imaginários descritos por Pêcheux em *Análise automática do discurso* (AAD 69), de 1969, ainda na primeira fase da AD, quando se consideravam estáveis as condições de produção dos discursos.

As imagens são determinadas por Aparelhos Ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1985), por uma memória discursiva (COURTINE; HAROCHE, 1988) e por rituais cotidianos que parecem naturalizados (CASTORIADIS, 1995); e o imaginário discursivo afeta as identidades assumidas (ou impostas) pelas interações institucionais. Assim, a identidade é afetada por processos de subjetivação foucaultiana atrelados às relações de poder (UYENO, 2011).

Em sua primeira fase de estudos, Foucault investigou os efeitos do poder, desencadeados por modos de objetivação, no engendramento dos sujeitos. Esses modos constituíam formas de adestramento para a produção de corpos dóceis. Em *Vigiar e Punir*, Foucault (1987) resgata os espetáculos de suplícios: enforcamentos, esquartejamentos e todo tipo de tortura e punição física que causava o horror e o medo nos espectadores. Mais tarde, o corpo deixou de ser alvo das punições dando lugar à alma. Surge, então, o controle do indivíduo por meio da vigilância, a fim de neutralizar sua periculosidade e produzir um corpo dócil, obediente às leis e à ideologia dominante.

Métodos para o controle do corpo, para sujeitá-lo à docilidade-utilidade, foram designados “disciplinas”. Uma nova organização do espaço foi planejada por e disseminada entre instituições e meios de interação humana: escolas, hospitais, locais públicos e, claro, prisões. As técnicas de vigilância espalharam-se por todo o tecido social, de forma não só macro, como também micro, com finalidades de controlar e transformar os indivíduos (FOUCAULT, 1987).

Outro polo por meio do qual se desenvolveu a organização de poder sobre o sujeito foram as técnicas de controle do sexo (FOUCAULT, 1988), como a confissão cristã. Basicamente, era a tarefa de se dizer a si e a outrem tudo o que se relacionava ao sexo sob a forma de confissão, o que reforçou esse ritual colocado, desde a Idade Média, entre os mais importantes para a produção de verdade. A confissão passou, pois, a ser um modo de objetivação dos sujeitos.

1.2 Modos de subjetivação

Foucault, em sua análise sobre a subjetividade, reconhece ser insuficiente que se estabeleçam dispositivos de disciplinamento e regulação de corpos dóceis e existir, para além da resistência, uma capacidade de produção da subjetividade por parte do próprio sujeito. O filósofo aponta, em suas últimas obras, o trabalho ético, os regimes de autorregulação, as tecnologias do *eu*, as práticas de cuidado de si e a reflexão como formas pelas quais o sujeito se constitui, subjetiva-se, engendrando, assim, sua identidade. Essas formas foram assumidas por Uyeno (2011), a partir da divisão proposta por Revel (2005), como modos de subjetivação.

Percebe-se que, por coerência teórica e/ou interrupção dos estudos devido à morte, Foucault trata dos modos de subjetivação como práticas conscientes, sem entrar em aspectos do inconsciente (HALL, 2000).

Iniciando-se a discussão acerca dos modos de subjetivação, toma-se a confissão como uma prática que servia tanto para a objetivação, utilizada nas relações de poder para produzir a verdade, como também para a subjetivação, uma vez que causava efeito de constituição do sujeito em relação a si mesmo.

A confissão, instituída nos mosteiros, com o Cristianismo, era uma prática cujo objetivo único era o de *ascese*, ou seja, purificar-se para a elevação espiritual. Com a formação dos burgos, a confissão tornou-se dispositivo de controle por meio do qual se poderia ter acesso às formas pelas quais os homens se relacionavam entre si, podendo-se, assim, intervir, pela determinação de leis e punições, em situações que evidenciam problemas para a sociedade ou para a religião. Mais tarde, a confissão passou a ser estimulada não só como prática cristã, mas também como técnica pela qual as instituições extraíam a verdade; a confissão pôde ser vista, portanto, como exames que permitiam vigiar, qualificar e, se necessário, punir. Cada instituição delimitou tipos de exames por meio dos quais tinha acesso a conhecimentos sobre os sujeitos: exames médicos, exames (avaliações) escolares, que constituíam modos de objetivação do sujeito (FOUCAULT, 1987; 1988).

Em seus últimos estudos, entretanto, Foucault (2006) apresentou outra face da confissão. Ela era uma forma não só de poder-saber ou um modo de objetivação, mas também possibilitava ao sujeito acesso a si mesmo, permitindo que se constituísse, subjetivasse. É nesse sentido que Santo Antônio indicava a escrita como um instrumento no combate espiritual: o ato de escrever sobre si, sobre os próprios pensamentos e ações, obrigava o sujeito ao autoadestramento, suscitando a vergonha e, conseqüentemente, evitando-se pecar, pois se protegia de pensamentos impuros (FOUCAULT, 2006).

Percebe-se, portanto, que a confissão como dispositivo de poder e de controle configurava-se como modo de objetivação, uma vez que permitia o poder-saber; em outros termos, permitia ao confessor o acesso ao saber sobre o confessando. Por outro lado, ao se confessar, o sujeito acabava por ter acesso a aspectos que se escondiam a ele próprio, logo, a confissão pode configurar-se também como modo de subjetivação pelo qual o confessando tem acesso à verdade sobre si mesmo, subjetivando-se.

A respeito dos efeitos da escrita, Foucault (2006), com base em Sêneca, explica que as materializações de uma escrita *ethopoiética* poderiam ocorrer em *hupomnêmata* ou em correspondências, conforme corroboram trabalhos de Godoy (2006), Uyeno (2007) e Bartho (2008). Os primeiros eram livros de contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais que tinham a função de lembrete; podiam também ser utilizados como livro de vida ou guia de conduta nos quais constassem citações, exemplos, fatos testemunhados, reflexões etc. A outra forma de materialização da escrita com função *ethopoiética*, as correspondências, eram cartas pessoais redigidas pelos mestres a amigos ou discípulos, como faziam Sêneca a Lucílius, Marco Aurélio a Fronton e às vezes também Plínio a amigos (FOUCAULT, 2006). Sêneca explicava que as correspondências tinham uma dupla ação: agiam sobre quem as escrevia, pelo próprio ato de escrever e meditar, e sobre quem as recebia, pela leitura e releitura. Para além de conselhos e advertências que poderiam ser endereçadas ao outro, numa busca pelo

adestramento dele, as cartas constituíam maneiras de se lançar um olhar sobre si mesmo, como um autoexame, um movimento introspectivo e vigilante sobre a alma, objetivando-a, adestrando-a.

2. Processos de identificações

Além da perspectiva sócio-histórica de constituição do sujeito, há também outra, segundo a qual ele não é apenas sócio-historicamente constituído, mas apresenta, ainda, uma estrutura psicanalítica, que permite aflorarem sentidos inconscientes, incontrolláveis, indesejáveis. É uma visão, a partir de Lacan, de sujeito incompleto, heterogêneo e não controlador dos sentidos que seu discurso pode provocar. A subjetividade, sob essa perspectiva psicanalítica, é afetada por processos de identificações subsequentes à primeira que ocorre no estágio do espelho (LACAN, 1998).

Lacan (1998) explica que, no começo da vida, o bebê não se percebe como um ser separado da mãe. No entanto, progressivamente, a criança se dá conta de que a união entre ela e a mãe foi rompida e começa a reconhecer sua própria imagem, refletida no espelho material ou no espelho dos olhos dos outros, como uma forma distintiva da mãe. É nesse momento que a noção de identidade é iniciada, antes da entrada na linguagem, que possibilitará condição de sujeito desejante.

Anteriormente ao estágio do espelho, a criança não se percebe como um corpo unificado, mas sim como algo disperso e extensivo à mãe. Assim, a imagem refletida dá-lhe uma ilusão de unidade, isto é, a imagem que se faz de si é da ordem do “ideal” (LACAN, 2008), quando, na verdade, a noção de divisão se estabeleceu na estrutura infantil, bem como a dimensão faltante constituirá para sempre o sujeito. A imagem completa será sempre buscada, mas não poderá ser resgatada e marcará o sujeito de um modo singular, único. Ele passa a ter sua singularidade, que determinará a forma como se relacionará com a falta que o constitui (UYENO, 2002).

A partir disso, inaugura-se a cena para identificações futuras, já que, como a identidade surge da divisão e da falta, o sujeito se lança a uma busca pelo retorno da unidade com a mãe, logo, sempre buscará aquilo que poderia lhe completar, identificando-se com o que quer ser ou com o que pensa que tamponará sua falta constitutiva.

Hall (2000) explica que, pelo senso comum, a identificação ocorre quando características comuns são partilhadas por duas pessoas, mas, ao contrário disso, identificação psicanalítica é um processo nunca finalizado ou completado; tem-se a ilusão de que o outro com o qual se identifica é exatamente o que lhe falta.

Essa ilusão constitui a dimensão imaginária do sujeito, sob a qual a identidade primordial foi possível, sustentada por uma imagem visual que não era a criança na realidade, mas na qual ela se (re)conhecia e a partir da qual faz uma representação de si. O sujeito lacaniano é cindido, incompleto, faltante, mas tem a ilusão de totalidade. O “eu ideal” é uma produção do discurso do Outro e do desejo do Outro que possibilita ao sujeito imaginar-se, fazer uma representação do que pensa que é. Em outras palavras, um sujeito denominado A é produzido por B, sendo A o eu e B o Outro (entendido agora como o discurso e o desejo dos pais sobre o sujeito). O eu é, portanto, o (O)outro, o que permite compreender que o eu é produzido pelo Outro (pelo Amor do Outro), por

isso o sujeito é aquilo que imagina que seus pais desejavam que ele fosse (UYENO, 2011).

Imaginariamente, o eu é ideal, mas lança-se em busca do “ideal do eu” no plano simbólico, a fim de tamponar sua falta constitutiva. Nesse sentido, as relações interpessoais e as relações com objetos simbólicos como diploma, profissão, casamento etc. efetuam-se quando há, em algum grau, a identificação, formando, assim, o laço social a partir do qual pode emergir a singularidade inconsciente por meio de lapsos, chistes, atos falhos (UYENO, 2011).

Se as identificações se fazem subsequentemente a partir da primeira identificação especular, os processos de subjetivação que se fazem pelos modos de objetivação sócio-histórica e pelos modos de subjetivação postulados por Foucault lhes são posteriores. Este artigo adota o conceito de identidade que se desloca das perspectivas predominantes segundo as quais a identidade é fixa, estável (CORACINI, 2007).

Nos processos de identificações, o sujeito passa pelo processo de simbolização mediado pela linguagem e o pensamento, que são nomeados por Birman (2005) como interditos simbólicos, isto é, formas de se interditar, ou melhor, ratificar a natureza instintiva e real dos indivíduos e (con)formá-los em sujeitos civilizados. No entanto, parece que vivemos um período pós-moderno em que os interditos simbólicos, a começar pelo Nome-do-Pai (FERRETTI, 2004), perderam sua eficácia, alimentando sujeitos do gozo (ou sem limites).

Para Forbes (2010), a globalização trouxe a multiplicidade de expressão e provocou a horizontalização da sociedade, ou seja, a queda da hierarquia masculina e de um eixo vertical de identificações que, basicamente, eram ideais que orientavam o sujeito. Esse fenômeno conduziu o homem a uma pluralidade de modelos, de modo a perder sua bússola, daí Forbes (2010) nomeá-lo sujeito desbussolado. Consequentemente, observa-se um curto-circuito da palavra, o que resultou em problemas, como: a delinquência despropositada, o consumismo, o uso de drogas, o fracasso escolar, os distúrbios psicossomáticos (FORBES, 2010).

O enfraquecimento dos interditos simbólicos, sobretudo na contemporaneidade, é resultado da precariedade dos processos simbólicos. Para explicar esse fato, o autor recorre a Freud sobre o que nos elucidaria acerca do mal-estar. Segundo Birman (2005), na Modernidade, a presença de um conflito psíquico, fruto do contraponto cerrado entre os polos da pulsão e da censura, era equilibrada, devido à eficiência dos interditos simbólicos – o pensamento e a linguagem.

Já, na Pós-modernidade, o empobrecimento dos processos simbólicos submete o sujeito aos excessos pulsionais, ou seja, não há equilíbrio entre desejo e gozo, que afastaria a iminência de morte, visto que é a angústia provocada por esse equilíbrio que permite antecipar os perigos que o mundo oferece. Sem mediação, os excessos são descarregados diretamente por canais como o corpo ou a ação.

Seria necessária, portanto, a retomada de um trabalho com os processos de simbolização e de interdição. Nesse sentido, este trabalho procurou observar, dentre outros elementos, se a escrita de diários pessoais seria um instrumento para o processo de simbolização e, assim, teria uma função terapêutica.

3. Procedimentos de produção e coleta dos registros de pesquisa

Dispuseram-se a participar das atividades da pesquisa os moradores da instituição de acolhimento apresentada na introdução deste artigo, somando-se aproximadamente nove adolescentes (com uma pequena rotatividade) entre 10 a 18 anos, abrigados devido ao abandono ou descaso de familiares em circunstâncias diversas. A parte da pesquisa com esses adolescentes, cuja entrada na instituição ocorreu em períodos variados, durou aproximadamente um ano, meados de 2012 e 2013. Além desses instituídos, participou também uma adolescente de 17 anos que havia sido moradora da *Casa Abrigo* de abril de 2007 a dezembro de 2008.

Muitos dos adolescentes participantes da pesquisa tinham características em comum, como comportamento agressivo e de revolta, não aceitação de regras, oscilação de humor, dificuldades de aprendizagem. Alguns apresentavam problemas no desenvolvimento cognitivo, segundo a psicóloga da instituição.

Com a autorização judicial, foram realizados encontros entre a pesquisadora e os adolescentes; e, concomitantemente às atividades de leitura que começaram a ser desenvolvidas com eles, foi solicitada a produção de diários. Para essa proposta, passou-se por duas etapas: primeiramente, realizou-se uma atividade de leitura, durante vários encontros, do livro “O diário de Zlata” (FILIPOVIC, 2011), livro-diário de uma menina que conta suas angústias e infância destruída durante uma guerra que realmente ocorreu onde morava: Sarajevo, antiga Iugoslávia. Após a leitura e discussão, eles passaram a também escrever diários, da maneira como quisessem, sem horário ou regra preestabelecida, sobre a própria vida, sua rotina, suas angústias, alegrias, amizades, expectativas futuras, enfim, assuntos gerais, conforme proposta inspirada no enredo do filme “Escritores da Liberdade” (FREEDOM, 2007), ao qual os adolescentes assistiram por solicitação da pesquisadora.

4. Análise dos recortes discursivos

Nos primeiros encontros entre a pesquisadora e os adolescentes, confirmando o que a coordenadora e os funcionários da *Casa* já haviam alertado, houve pouco ou nenhum engajamento deles nas atividades propostas, como pode ser observado nos seguintes recortes discursivos dos registros iniciais nos diários:

(01) A1²

Dia 5 de outubro de 2011
Hoje o dia foi muito legal porque vi minha namorada.

(02) A1

Dia 18/19/20 de outubro de 2011
Eu fiquei muito feliz porque fui para Taubaté com escola tinha campeonatos, ganhei medalhas fui tres dias.

² A1: adolescente 1 (para identificar o autor de cada recorte discursivo feito dos diários). A2: adolescente 2...

Conforme os encontros aconteciam, a pesquisadora buscou formas de conseguir o engajamento dos adolescentes. Em meio à leitura do livro-diário e à escritura de diários próprios, a pesquisadora também propunha filmes para o fim de semana, produção de poemas e atividades diversas; no decorrer dos encontros, era possível perceber o engajamento gradativo dos adolescentes.

Essas atividades ocorriam paralelamente à leitura do livro principal, “O diário de Zlata”, até certo momento em que a ênfase ficou nelas. Nesse ponto, a escritura dos diários pelos adolescentes já estava mais desenvolvida, e a pesquisadora optou por parar de ler o livro, o que alimentou ainda mais a curiosidade dos adolescentes, que sempre perguntavam: “professora, não vamos mais ler a história da Zlata?”. Essas ações são muito relevantes em um contexto em que a leitura e a escrita eram práticas quase inexistentes.

Em busca dos efeitos da redação de diários, atenta-se para a relação dessa escrita à situação de confissão (UYENO, 2004) pela qual, na cultura cristã, um confessor avaliava o confessando; logo, o diário configura-se como modo de objetivação (UYENO, 2011) realizado por meio de dispositivos de poder que produzem um saber sobre o sujeito. No contexto de desenvolvimento desta pesquisa, é inegável que a escritura dos diários ocorreu, primeiramente, em atendimento ou obediência a uma ordem que, embora não autoritária, visto que os adolescentes poderiam se recusar a escrever, era afetada por uma memória discursiva segundo a qual o aluno, o prisioneiro, o doente, o analisando tendem a atender às solicitações do professor, do juiz, do médico, do analista; e a falta do atendimento levaria os sujeitos à punição. Nesse sentido, os diários configuram-se como um modo de objetivação por meio do qual o poder produziria um saber sobre os sujeitos-adolescentes.

Prosseguindo em suas análises sobre os modos de objetivação dos sujeitos, Foucault (2006) encontra evidências de que, quando um sujeito se confessava, revelava aspectos de si que se escondiam de si próprio, o que lhe permitiu entender a confissão também como modo de subjetivação a partir do qual o sujeito produzia um saber sobre si mesmo, praticando, em suas palavras, uma técnica de si. Apresentam-se, a seguir, recortes discursivos em que se deflagra a confissão:

(03) A2

*Primeiro dia do diário novo. E com diário novo vida nova vamos lá.
Na escola hoje teve duas aulas de ciencias duas de português e uma de Inglês.
Aqui na casa eu vou tentar mudar meu comportamento, e por isso estou meio quieto hoje.
Vou me afastar do XXX [colega da Casa Abrigo] pois si não vou parar no fundo do posso.
Mas eu não sei se isso vai virar livro ou alquem vai le-lo então vou fazer uma descrição desse lugar.
Nesse lugar onde uns falam casa outros não. Na minha opinião isso não é uma casa, mas isso não importa.
Aqui vem parar aqueles que não tem teto ou tem mas a familia não quer.
Aqui dentro tem muita regra e isso me incomoda pra caramba pois onde eu morava não tinha tanta regra como aqui.
Mas a regra que eu mais odeio é a de não poder ir para escola sozinho.
Então não venha e não deixe seu filho vir para cá por mais bom que seja o melhor lugar é junto com a familia.*

No recorte discursivo 03, A2 enuncia começar um diário novo, referindo-se ao fato de ter terminado o primeiro, o qual recebera no início da pesquisa, o que corrobora

sua adesão ao projeto e o possível estabelecimento da transferência de A2 para com a pesquisadora que, com a permissão prévia dos adolescentes, lia todos os diários. Apontado dirigir-se à pesquisadora como a um sujeito do saber sobre si, A2 demanda amor da pesquisadora, o que se revela na confiança que nela deposita. Ao não se colocar nesse lugar, o que se configura como o bom manejo da transferência, mostrando-se igualmente faltante, leva o sujeito a lançar-se na busca de uma verdade sobre si, em busca de seu desejo.

O começo de um diário novo parece trazer a possibilidade de uma nova vida, conforme enuncia A2 em: *com diário novo vida nova vamos lá*, fato que evidencia a possibilidade de o diário constituir um instrumento de estímulo de fantasia para o sujeito, necessária para o afastamento da morte por alimentar o desejo (BIRMAN, 2005).

Em seguida, A2 relata como foi seu dia na escola (*Na escola hoje teve duas aulas de ciências duas de português e uma de Inglês*), aproximando a escrita da confissão em sua face como dispositivo do modo de objetivação do sujeito. Prosseguindo, A2 muda radicalmente o conteúdo de seu diário, parecendo estar refletindo sobre sua conduta, o que confere à confissão um caráter de autoadestramento, como se observa em: *Aqui na casa eu vou tentar mudar meu comportamento, e por isso estou meio quieto hoje. Vou me afastar do XXX pois si não vou parar no fundo do poço*. Como A2 enuncia “tentar mudar o comportamento”, pressupõe-se, pelo verbo “mudar”, que, até o momento da escrita, apresentava uma conduta condenável pela ordem social, o que se faz perceber quando enuncia que, caso não viesse a se afastar de XXX, sobre o qual A2 enuncia não ser uma companhia adequada, tendo que dele se afastar, para não chegar ao “fundo do poço”. Embora seja inegável que essa passagem seja da ordem do interdiscurso, também afetada pelo imaginário discursivo, escrevendo o que julga que a pesquisadora espera que escreva, constituem atitudes da dimensão simbólica.

Ao redigir seu diário, procedimento que parece configurar os modos de subjetivação, A2 revela praticar o que Foucault (2006) chamou de autoexame e o consequente autoadestramento que se faz a partir do acesso a um saber do sujeito sobre ele próprio que poderia estar escondido ou que poderia não ser compreensível a ele.

Mais adiante, no recorte discursivo 03, A2 descreve a instituição para onde são encaminhadas crianças e jovens abandonados (*Aqui vem parar aqueles que não tem teto ou tem mas a família não quer*) e enuncia que, embora a *Casa Abrigo* seja boa, no sentido de oferecer condições para uma pessoa viver, o melhor mesmo seria estar junto da família, recomendando, em seguida, que ninguém devesse ir à instituição ou manter um filho nela.

Diferentemente do tom agressivo e de revolta que, segundo a psicóloga da instituição e os demais funcionários diziam perceber nos adolescentes, parece que A2 conseguiu verbalizar e simbolizar a situação de abandono e o paradoxo entre viver bem e viver com a família, sem demonstrar revolta ou angústia, parecendo, ao contrário, disposto a mudar a maneira de viver, o que poderia lhe proporcionar uma nova vida. Essa transformação é revelada ao longo da produção dos diários, parecendo lhe conferir uma função terapêutica.

Expõe-se o recorte discursivo 04, também do diário de A2:

(04) A2

Dia 25 de outubro de 2011

Querido Verdinho

Hoje o dia foi pessimo por que descobri que é amigo nessa casa por que uma pessoa disse uma coisa que não machucou o corpo mas machucou a alma eu pensava ser meu amigo mas agora eu vou afastar de sertã pessoas estou muito magoado com o coração preto de raiva mas isso passa.

Mas enquanto o meu dia foi bom aqui na casa eu assisti um filme que sechama Escritores da liberdade e mexeu muito comigo como uma sala sem chance de aprender conseguiu se superar conseguir seus objetivos.

A2 relata no seu diário ter tido um dia péssimo, devido à descoberta de uma falsa amizade que lhe ferira a “alma”; enuncia estar muito magoado e com raiva, o que, para ele, iria passar. Em relação ao que A2 enuncia, ainda que se pudesse contra-argumentar que tenha sido como ele tomou essa situação, percebe-se que o diário contribuiu para que conferisse vazão a essa raiva que diz ter sentido. Ao escrever sobre seus sentimentos, simbolizou o que o fez sofrer, e, assim, mesmo que esse processo seja inesgotável, isto é, nunca se consiga simbolizar todo o real, a escrita parece possibilitar o trabalho com a linguagem e o pensamento, funcionando se não como uma terapia, como uma catarse. Ao enunciar saber que a mágoa e a raiva passam, parecem justamente passar porque A2 escreve, simboliza esses sentimentos; caso contrário, eles poderiam levá-lo ao ato como uma forma de se livrar deles, como Lacan (1998) postulara com relação à dimensão de suplência de que é constituída a escrita.

Esse exercício de análise, embora não se configure propriamente como sessão psicanalítica, visto que faltam habilitação por parte da pesquisadora e ambiente apropriado para tal, pode ser aproximado a uma função terapêutica que a escrita de diário venha a exercer; sua observação se mostrou concretizada ao longo da pesquisa, conforme se relata por meio do próximo recorte discursivo:

(05) A3

Mas não consegui convencer ele o meu avô a me adotar pois eles dizem ter medo de cuidar de mim pois acham que eu vou fugir. Mas lá fora com os meus familiares não tem o porque de fugir, se vou estar livre não preciso mais fazer isso, mas meus familiares não tem mais confiança por mim.

Eu queria pelo menos arrumar um trabalho mas não consigo de jeito nenhum.

As vezes quando fico no quarto vem muitos pensamentos na minha cabeça fico pensando em fugir, de fugir e me matar enforcado, de fugir, e descer a serra e arrumar um lugar prá ficar.

São muitos pensamentos ruins. As vezes eu penso porque eu fui nascer, por que deus me colocou em uma familia tão desunida, tão separada.

Mas vejo que deus me fez isso só para me fortalecer cada vez mais.

Mas dessa vez estou ficando cada vez mais fraco, mais triste, muitas vezes eu não queria cair justo nessa familia, mas uma coisa deus me fez certo, me fez morar com minha avó XXX que eu amo até hoje ela era a unica pessoa que podia me ajudar pois ela gostava muito de mim também.

Hoje eu penso, eu queria ter sido atropelado junto com ela assim quem sabe minha familia ia sentir minha falta, pois acho que minha familia nem sente minha falta.

Por que se sentissem minha falta e se gostassem de mim me aceitariam do jeito que eu sou.

Acho também que não sou mais como um da familia e sim com um desconhecido, e não como algem da familia.

O recorte discursivo 05 apresenta relatos de A3 acerca de como enuncia se sentir diante do abandono da família, muitas passagens visivelmente interdiscursivas como a menção a se perguntar por que Deus o colocara naquela família e depois dizer, ainda interdiscursivamente, trazendo um discurso religioso de que Deus o fizera para fortalecê-lo. Paralelamente, A3 enuncia ter muitos pensamentos negativos, tais como: fugir, matar-se enforcado, o que, em alguma medida, impede-o de realizá-lo. Enuncia que gostaria de ter sido atropelado junto à avó, que dele cuidara desde o seu abandono pela mãe, acontecimento que, para A3, parece ser melhor do que o abandono, pois só assim diz poder conseguir o amor do Outro (... *assim quem sabe minha família ia sentir minha falta, pois acho que minha família nem sente minha falta*). Nessa passagem, o amor do Outro laciano se explicita: A3 deseja o desejo de algum familiar por si.

Se por um lado, A3 enuncia seu sofrimento (*São muitos pensamentos ruins.[...], por que deus me colocou em uma família tão desunida, tão separada*); por outro, enuncia sua superação com a ajuda divina (*Mas vejo que deus me fez isso só para me fortalecer cada vez mais*), porém, logo adiante, novamente enuncia estar frágil (*Mas dessa vez estou ficando cada vez mais fraco, mais triste*) e mais uma vez enuncia ter recebido auxílio divino (*mas uma coisa deus me fez certo, me fez morar com minha avó XXX que eu amo até hoje*). Essa alternância entre tons (negativos e positivos) com que A3 se refere a aspectos de sua vida é denunciada pelo emprego repetido da conjunção coordenativa adversativa “mas”, a qual apareceu 7 vezes no recorte discursivo 05, revelando o sujeito cindido e fragmentado, dividido entre o mundo simbólico e real, divisão essa que configura o mal-estar na civilização (FREUD, 1997). Por meio do que enuncia no início do recorte 05, infere-se que A3 tinha uma conduta tendencialmente descontrolada, não se adequando à ordem simbólica de seu meio social, com atitudes, por exemplo, como as fugas, pressupostas pelo advérbio *mais*, em *se vou estar livre não preciso mais fazer isso* (o pronome demonstrativo “isso” se refere ao ato de fugir), o que denuncia que A3 já cometera fugas antes, provavelmente, da Instituição, e essa conduta parece não aceitável pela família, como se pode inferir da frase: *eles dizem ter medo de cuidar de mim pois acham que eu vou fugir*, mais especificamente pelo emprego do substantivo abstrato *medo*, referente ao sentimento que A3 diz que os familiares sentem, e pelo fato de que o avô precisa ser convencido a adotar A3, ou seja, não basta ser, talvez, o familiar mais adequado (ou mais próximo) para ter a guarda do adolescente, é preciso que A3 ofereça provas de convencimento ao avô de que não mais apresentará características que desagradam a ele.

Esses relatos denunciam o sofrimento de A3 a ponto de levá-lo a pensar em suicídio. Conclui-se, portanto, que A3 precisa de um trabalho de simbolização que o afaste da realização do ato e possa aliviar sua angústia; ao escrever sobre suicídio (*As vezes fico no quarto vem muitos pensamentos na minha cabeça fico pensando em fugir, de fugir e me matar enforcado*) e sobre sua vontade de ser atropelado (*Hoje eu penso, eu queria ter sido atropelado...*), A3 passa por um processo de simbolização do real (real, neste caso, é a aproximação com a morte). Nesse sentido, percebe-se que a escrita pode ter tido a função de suplência, permitindo que A3 encontrasse substitutos para seu sofrimento; é nesse sentido que o diário teria uma possível função terapêutica, efetivada a partir da relação de transferência estabelecida entre A3 e a pesquisadora, que lia seu diário.

Conclusão

Observa-se, como conclusões não definitivas, que os adolescentes judicialmente acolhidos, sujeitos desta pesquisa, resistiam aos modos de objetivação exercidos pela instituição de acolhimento os quais procuravam docilizar os instituídos e moldá-los para a sociedade. A imobilização (ou resistência) dos adolescentes juntamente às excessivas queixas por parte deles sobre a condição de vida em que se encontravam, enunciando não gostarem da *Casa Abrigo* e do que ela oferecia, levou a se eleger a escrita de diários pessoais como um instrumento de intervenção nessa situação.

A escrita foi considerada como modo de subjetivação sócio-histórica, permitindo processos de identificações psicanalíticas, e foi observado que ela pode ter assumido, por meio de processos de identificações, função terapêutica e de suplência, possibilitando um trabalho com a linguagem e o pensamento, ou seja, um trabalho de simbolização.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 120 p.
- BARTHO, V. D. de O. Ribeiro. *Parrhesía foucaultiana: uma análise discursiva de correspondências sobre correção de textos*. 2008. 79 f. Monografia – Universidade de Taubaté, Taubaté.
- BIRMAN, J. O sujeito desejante na contemporaneidade. *Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. 15 p.
- CASTORIADIS, C. *A instituição Imaginária da Sociedade*. 3. ed. Tradução de Reymund, G. São Paulo: Paz e Terra, 1995. 418 p.
- CORACINI, M. J. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. 247 p.
- COURTINE, J. J.; HAROCHE, C. O Homem perscrutado: semiologia e antropologia política da expressão e da fisionomia do século XVII ao século XIX. In: ORLANDI, E. et al. *Sujeito e Texto*. São Paulo: EDUSC. 1988. p. 37-60.
- FERRETTI, M. C G. *O Infantil: Lacan e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2004. 151 p.
- FILIPOVIC, Z. *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 184 p.
- FORBES, J. *Você quer o que deseja?* 8. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010. 208 p.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 254 p.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 149 p.

_____. Escrita de si. In: FOUCAULT, M. *Ética, Sexualidade, Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 144-162.

FREEDOM W. Direção e Roteiro: Richard LaGravenese. Intérpretes: Hilary Swank, Patrick Dempsey e outros. Produção: Danny DeVito. Estados Unidos/Alemanha, 2007. 1 DVD (122 min).

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997. 93 p.

GODOY, M. L. N. *Redação de vestibular: para além de uma prova, a escrita de si e os efeitos dos comentários do corretor de textos*. 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2006.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 944 p.

_____. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. 267 p.

PÊCHEUX, M. Discurso e ideologia(s). In: _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988. p. 139-185. [Tradução de *Les vérités de la Palice*].

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990. 319 p.

REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005. 87 p.

UYENO, E. Y. *A dogmatização da teoria: a contradição como negação da falta no discurso do professor de línguas*. 2002. 340 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. “Blog”: o efeito terapêutico como economia do dispositivo confessional. In: *Seminário Internacional Michel Foucault: perspectivas*. Florianópolis: Clicdata Multimídia Ltda., 2004. 12 p.

_____. Hermenêutica de si mesmo: escrita acadêmica, parrhesia e subjetividade. In: SILVA, E. R. da; UYENO, E. Y.; ABUD, M. J. M. (Org.). *Cognição, Afetividade e Linguagem*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007. p. 76-94.

_____. Morador de rua no ciberespaço: a incluir-se no discurso da ética do desejo. In: CORACINI, M. J. (Org.). *Identidades Silenciadas e (In)visíveis: entre a inclusão e a exclusão*. Campinas: Pontes, 2011. p. 31-51.

Recebido em: 10/09/2015

Aprovado em: 21/06/2016